



Mulheres do Ensino Superior Inseridas em Diferentes Grupos Tipológicos de Gênero

Júlia Verônica Soares Ferreira, Adriana dos Santos Silva Soares, Iara Heloisa Ramos Mendes, Cledilene Muniz de Oliveira, Hugo Leonardo Da Silva Pereira, Roberta Braveza Maia, Maria De Fatima De Matos Maia

Introdução

Ao abordar o autoconceito, Santos coloca que ao longo do desenvolvimento o indivíduo organiza e estrutura as suas experiências de vida, retirando dados importantes acerca de si próprios. Essas experiências organizam-se em áreas diferentes, originando domínios específicos do autoconceito [1].

A interação do indivíduo com os conceitos sociais de masculinidade e feminilidade resulta, em nível cognitivo, na formação de auto-esquemas relacionados ao gênero [2]. Dentre os esquemas que formam o autoconceito, encontram-se aqueles relacionados à masculinidade e à feminilidade, denominados de esquemas de gênero - esquema masculino e esquema feminino [3].

Ao serem estimulados, auto-esquemas relacionados à masculinidade associam-se formando uma rede de funcionamento perceptiva denominada de esquema masculino se classifica como Heteroesquemático Masculino (HM) e o esquema feminino classifica como Heteroesquemático Feminino (HF) e de acordo com a teoria do auto-esquema, pode-se encontrar desde indivíduos agrupados em diferentes grupos tipológicos de gênero o aesquemáticos em relação ao gênero que são portadores dos dois esquemas de gênero que são catalogados como Isoesquemáticos (ISO) [4].

Desta relação entre os esquemas segundo Giavoni resultou uma série de grupos tipológicos, os quais variam em suas percepções, cognições, sentimentos e julgamentos a respeito de si e dos outros [5]. Dentre estes grupos, encontram-se aqueles oriundos de uma das variáveis matemáticas do Modelo Interativo - a variável ângulo. Desta variável resultam três grupos principais, denominados de: <Heteroesquemático Masculino (HM): Indivíduos com predomínio do esquema masculino sobre o feminino, os quais tendem a filtrar as informações de acordo com o esquema masculino, apresentando respostas cognitivas, afetivas e comportamentais coerentes com o conteúdo do esquema dominante. Heteroesquemático Feminino (HF): Indivíduos com predomínio do esquema feminino sobre o masculino, os quais tendem a filtrar as informações de acordo com o esquema feminino, apresentando respostas cognitivas, afetivas e comportamentais coerentes com o conteúdo do esquema dominante e o Isoesquemáticos (ISO): Indivíduos que apresentam ambos os esquemas proporcionais. Os padrões cognitivos, afetivos e comportamentais destes indivíduos são regidos por ambos os esquemas [5].

É sabido que o perfil psicológico ou tipológico de gênero avalia a cognição e não tem relação com opção sexual, com identidade de gênero, com empoderamento homem e mulher, mas sim tem como objetivo principal avaliar os esquemas relacionados com a masculinidade e a feminilidade. É a forma de como a pessoa pensa.

Assim sendo, os esquemas de gênero apresentam-se como estruturas maleáveis, compostas por uma rede de associações cognitivas que variam quanto à complexidade e que determinam padrões perceptivos, os quais influenciam os processos emocionais, comportamentais, racionais, e atitudinais do indivíduo em relação a si e aos outros, esses padrões podem fazer a diferença na escolha da profissão [2].

Há poucas pesquisas que envolvem as mulheres do ensino superior inseridas em diferentes em grupos tipológicos de gênero no Brasil de acordo com o curso de graduação escolhido.

Pretende-se com esse estudo traçar o perfil tipológico de gênero das universitárias de quatro cursos de graduação de uma universidade pública no norte de Minas Gerais.

Material e métodos

Trata-se de um estudo descritivo, comparativo e corte transversal.

A população do estudo de acordo com os dados disponibilizados pela secretaria geral conta com 174 no curso de enfermagem, 276 nas ciências contábeis, 211 em letras português e no de matemática com 170 acadêmicas.

Participaram da amostra 217 mulheres estudantes universitárias com média de idade de $20,85 \pm 2,79$ anos (de 17 aos 30).



Ao nível de confiança de 95% e uma margem de erro de 5.0%, utilizando a fórmula para população infinita para o cálculo do tamanho da amostra $n = \frac{z^2 \cdot p \cdot q}{e^2}$ o tamanho da amostra foi calculado em 217.

A seleção da amostra foi por conglomerado em 3 estágios. No 1º estágio, por amostragem aleatória simples, foi feito o sorteio de cursos em cada centro; no 2º estágio, por amostragem aleatória simples, o sorteio das turmas em cada curso e no 3º estágio, por amostragem sistemática, o sorteio de 17 alunos de cada turma.

O instrumento utilizado foi o Inventário Feminino dos Esquemas de Gênero do Autoconceito (IFEGA), que é composto por duas escalas (masculina e feminina), este instrumento avalia os esquemas masculino e feminino do autoconceito das mulheres [2].

As acadêmicas foram inseridas em grupos por tipos esquemáticos de gênero (HF, ISOE, HM) foi utilizado ainda o teste Qui-Quadrado. Todos avaliados pelo software SPSS-IBM 22.0 e o Excel for Windows com um nível de significância de $p \leq 0,05$.

Resultados e Discussão

A enfermagem é uma profissão historicamente feminina, cuja inserção na esfera pública do mundo do trabalho se deu a partir do século XIX [6].

Percebe-se que a enfermagem ser uma profissão que o cuidado e o principal enfoque, na pesquisa em questão confirma que a maioria das universitárias possuem traços predominante femininos pois culturalmente, cuidar é atribuída como tarefa de mulher enfermeira, mãe, professora, assistente social e tratar é tarefa de homem médico, pai, provedor. A enfermagem é um exemplo de profissão feminizadas e mostra a divisão do trabalho, uma atividade com cuidados dos enfermos natural e intuitivamente feminino atividades de esfera doméstica que cuida da família como o todo em uma habilidade de formação específica influenciada por estereótipo de gênero ações intrinsecamente o estereótipo feminino [7].

A enfermagem, como o magistério, caracteriza-se como uma profissão de mulheres, profissão, que no mundo público, representava uma extensão do lar, das representações de um feminino dócil, que cuida, nutre e educa [8]. Nota-se que no estudo foram pesquisado o curso de enfermagem e o magistério de matemática e Letras portuguesa que de certa forma evidenciam traços majoritariamente femininos.

Em síntese, o poder que se exerce nas relações de gênero assim como escolhas profissionais é resultante de representações sobre mulheres e homens, presentes no imaginário social a partir das diferenças biológicas existentes entre os sexos [6].

Fernandes apresenta que no início do novo milênio, no cenário brasileiro, há grande presença das mulheres cursando o ensino superior, porém ainda há um menor número destas nos cursos das áreas científicas e tecnológicas.

Isto poder confirmado nessa pesquisa visto que na amostra foi composta por apenas dezesseis universitária do curso de Matemática visto que há poucas mulheres neste curso em questão [9].

Segundo Fernandes em seu estudo constatamos que na Universidade Estadual da Paraíba, que forma 70% dos licenciados paraibanos, predomina a aprovação masculina no curso de Licenciatura em Matemática nos últimos cinco anos. No ano de 2003 a aprovação feminina foi menor que todos os outros anos e em 2004 a maior aprovação, representando apenas 35%. Examinando o quadro de professores do Departamento de Matemática e Estatística da UEPB em 2005), apenas 18,36% são do sexo feminino [9].

Este resultado instiga a investigar se isto também acontece na Universidade pesquisada visto que a poucas mulheres no curso, será por qual motivo? Evasão ou não afinidade por área exatas? Após o levantamento e discussão no seu estudo, evidencia-se a continuidade do quadro de pouca existência de pesquisas no Brasil na área de Educação em Ciências e Matemática nas questões de gênero, especificamente feminino, na última década que precede a pesquisa.

A matemática, neste contexto, é apresentada ainda hoje como atividade eminentemente masculina, o que por diversas vezes equivocadamente cria entre os profissionais da educação estereótipos sobre a masculinidade e a feminilidade e, conseqüentemente, expectativas distintas sobre o desempenho escolar masculino e feminino, respectivamente [9]. De acordo com esse autor, o homem se posiciona num pólo privilegiado do pensamento racional enquanto a mulher se situa no pólo oposto, o intuitivo, contribui para generalizar a concepção da matemática como sendo uma área de domínio masculino. O desenvolvimento histórico desta ciência corrobora esta crença, pois os grandes matemáticos são homens e mulheres matemáticas famosas são raríssimas

Ainda assim, os campos que mais se abriram às mulheres foram os das ciências humanas e os estudos literários, pois as áreas consideradas científicas e técnicas, gozando de mais prestígio, eram eminentemente masculinas. Para mulheres que pretendessem ingressar na matemática, havia um obstáculo: esta ciência era considerada muito abstrata para o cérebro feminino [9].



Podemos perceber que no curso de Letras portuguesa há muitas mulheres comparado com o da matemática que não preencheu o total da amostra isto pode confirma a preferência para o capo de ciências humanas. De acordo com Fernandes , foi observado em seu estudo a presença pequena da mulher na docência da matemática superior, o que confirma o domínio masculino no campo de Matemática, também na docência [9].

Já sobre o curso de ciências contábeis não foi encontrado nenhum artigo. No entanto, para Carvalho e Pereira , o conceito de gênero ratifica que ninguém é naturalmente homem ou mulher, masculino ou feminino, pois esses significados são socialmente construídos através do processo educacional que molda as identidades de sexo e gênero [10].

Conclusões

Um importante achado desse estudo foi ao comparar o curso de graduação e o perfil tipológico de gênero pode concluir que a escolha profissional se baseia em aspecto do grupo tipológico de gênero. Esta constatação infere em que novas pesquisas sobre esta variável em outros possíveis estudos com diversos cursos de graduação.

O estudo evidenciou a pouca participação das mulheres em curso de ciências exatas, e leva os seguintes questionamentos: evasão das universitárias? Ou não afinidade por esta área de conhecimento?

Esses resultados encontrados sugerem que novos pesquisadores se interessem por esta área temática, pois grande parte dos resultados não pode ser confrontados, por falta de referencial.

Estudos que avaliem os aspectos psicológicos relacionados os esquemas de gênero precisam ser desenvolvido no meio acadêmico, visto que os poucos estudos que existem no Brasil tem levantado aspectos importantes a serem considerados.

Referências

- [1] SANTOS, P. **A interferência do rendimento escolar no auto-conceito de alunos do 1º e 2º ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário.**(Dissertação de mestrado não publicada). Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Fernando Pessoa, Porto. 2009.
- [2] GIAVONI, A.; TAMAYO, Á. **Inventário feminino dos esquemas de gênero do autoconceito (IFECA)**, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v10n1/28005.pdf>. Acesso em: 07/08/ 2014.
- [3] GIAVONI A, T. A. **Inventário masculino dos esquemas de gênero do autoconceito (IMEGA).** *Psic Teor Pesq* ,2003.
- [4] GIAVONI, A; TAMAYO, Á. **Inventário dos Esquemas de Gênero do Autoconceito (IEGA).** *Psicologia: Teoria e Pesquisa.* 2000.
- [5] GIAVONI A. **A interação entre os esquemas masculino e feminino do autoconceito: modelo interativo.** 2000. Tese (Doutorado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2000.
- [6] COELHO, E. de A. C. **Gênero, saúde e enfermagem.** *Rev. bras. enferm.*, Brasília , v. 58, n. 3, June 2005. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672005000300018&lng=en&nrm=iso>. access on 12/11/ 2014.
- [7] MOSQUEDA, D, A; PARAVIC-KLIJN, T; VALENZUELA-SUAZO, S. **División sexual del trabajo y Enfermería.** *Index Enferm*, Granada, v. 22, n. 1-2, jun. 2013. Disponível em <http://scielo.isciii.es/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1132-12962013000100015&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 13 nov. 2014.
- [8] MOREIRA, M. C. N. **Imagens no espelho de vênus: mulher, enfermagem e modernidade.** *Revista Iationamericana enfermagem.* Ribeirão Preto, v. 7, n.1, Jan, 1999.
- [9] FERNANDES, M. da C. V. **A inserção e vivência da mulher na docência de matemática: uma questão de gênero.** João Pessoa: Universitária/UFPB, 2006.
- [10] CARVALHO, E. P de. PEREIRA, M. Z. da C. (organizadoras). **Gênero e educação: múltiplas faces.** João Pessoa: Universitária/UFPB, 2003.

Tabela 01 – Comparação entre cursos e Perfil Psicológico de Gênero

Curso/PTG	HF	ISOE	HM	Total
Enfermagem	43	22	02	67
Letra	44	20	03	67
Contabilidade	41	21	05	67
Matemática	09	06	01	16
Total	137	69	11	217